



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA**  
**EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Alessandra Rosa de Paula Dantas**

**A IDENTIDADE NEGRA ENTRE IMAGENS E TEXTOS:**  
**QUEBRANDO PARADIGMAS E PRECONCEITOS**

**Belo Horizonte**

**2015**

Alessandra Rosa de Paula Dantas

**A IDENTIDADE NEGRA ENTRE IMAGENS E TEXTOS:  
QUEBRANDO PARADIGMAS E PRECONCEITOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus

Belo Horizonte  
2015

Alessandra Rosa de Paula Dantas

**A IDENTIDADE NEGRA ENTRE IMAGENS E TEXTOS:  
QUEBRANDO PARADIGMAS E PRECONCEITOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus

Aprovado em 09 de maio de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus – Faculdade de Educação — UFMG

---

Andreia Rosalino – Faculdade de Educação — UFMG

## RESUMO

Este trabalho consiste em um projeto de intervenção pedagógica, desenvolvido ao longo do curso de Especialização – LASEB/UFMG – Diversidade Étnico-racial e de Gênero. Originou-se de uma necessidade docente de dar visibilidade à temática estudada no curso e da reflexão sobre a prática pedagógica. O principal objetivo desse projeto foi promover ações para que os estudantes do 3º ciclo da Escola Municipal Cora Coralina e comunidade escolar pudessem conhecer, reconhecer e valorizar a cultura e a identidade afro-brasileira através das histórias e literatura que abordam esse tema, conforme orientação da Lei nº 10639 (BRASIL, 2003) e apontamentos de Gomes (1999; 2008; 2012) e de Araújo (2007), ao reafirmar a escola como lugar de superação de visões estereotipadas que geram preconceitos raciais. Ao colocar em prática um plano de ação, os temas foram trabalhados com os estudantes por meio de subprojetos, através de diálogos sobre textos, vídeos, filmes, palestras, etc.. Sempre motivando reflexões sobre o que estava sendo trabalhado. Os resultados foram além do esperado, essa intervenção proporcionou momentos de reflexão, indissociável da prática educativa comprometida com a formação de seres que promoverão uma sociedade justa e solidária para todos.

Palavras-chaves: Educação. Escola. Diversidade Étnico-racial. Literatura.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por dar-me forças nos momentos em que eu, humana, quis fraquejar.

À minha família e amigos, pela compreensão nos momentos de ausência em cada sábado.

Aos colegas de curso pelo companheirismo, grupo que tornou essa jornada alegre, prazerosa e amigável.

Aos professores do LASEB, fonte de conhecimento e inspiração.

Aos estudantes e professores da Escola Municipal Cora Coralina que tornaram meu plano de ação real.

A equipe de apoio pela ajuda e dedicação.

“O que nos faz semelhantes ou mais humanos, são as diferenças”.

(Nilma Lino Gomes)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1.1</b>	<b>Justificativa .....</b>	<b>9</b>
<b>1.2</b>	<b>Caracterização do espaço escolar e dos sujeitos .....</b>	<b>12</b>
<b>1.3</b>	<b>Objetivos .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>A construção da Identidade .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2</b>	<b>Lei nº 10.639/03 .....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>AÇÕES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1</b>	<b>Cronograma das atividades .....</b>	<b>21</b>
<b>3.2</b>	<b>Cronograma e fotos do <i>workshop</i> .....</b>	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>AVALIAÇÃO .....</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Estudar a História da África numa proposta de análise da "Literatura Negra Afro-brasileira" é também uma forma de ampliar nossa consciência histórica e social e, acima de tudo, conhecer como se deu a rica formação do povo brasileiro. A escola, por sua vez, é um espaço para que o aluno dialogue e aprenda a confrontar, defender e explicar suas ideias de forma organizada.

Esses objetivos foram destacados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), em 1999, como uma forma de "Compreender as diferenças como algo que nos identificamos e que faz parte de nós como seres humanos; esse é o princípio para aceitar aquilo que não sabemos, nesse sentido, todas as áreas partilham dessa." Ainda segundo os PCN's (BRASIL, 1998, p. 60), "a escola, ao considerar a diversidade, tem como valor máximo o respeito às diferenças — não o elogio à desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa; podem e devem, portanto, ser fator de enriquecimento." Sendo assim, a reflexão sobre a literatura afro-brasileira é necessária em sala de aula, pois, além de integrar a grade curricular do ensino fundamental, possibilita a interação do aluno e desenvolve a habilidade de expor opiniões sobre temáticas que estão presentes em seu cotidiano, permitindo uma leitura realista e fundamentada em pesquisas históricas, releituras e socialização das informações de modo diversificado e histórico-culturais que ligam a cultura brasileira à africana.

A intervenção colocada em prática nos permitiu dialogar com o conceito de "pré-conceito" e ressignificar uma proposta de um trabalho educativo, cultural, questionador, que tem como finalidade aprofundar a discussão sobre o preconceito racial, através da representação positiva do negro no universo literário e subjetivo, ao mesmo tempo em que buscou criar, ainda, uma relação de respeito dentro e fora do espaço escolar. Buscou-se, com isso, envolver todos os estudantes e, particularmente, possibilitar que os estudantes negros pudessem se ver representados positivamente nos textos estudados; criar e ampliar as oportunidades para que os adolescentes possam reconstruir e ressignificar sua identidade: redescobrir-se negro, resgatando a solidariedade étnica, a cultura, o modo e a beleza de ser negro ou não.

A escolha dessa temática partiu da observação em sala de aula sobre como os estudantes se comportam quando algumas músicas, filmes e histórias de origens africanas são abordados. Para eles, essas manifestações culturais estão quase sempre relacionadas ao candomblé e por muitos serem evangélicos, esse preconceito é mais intenso, uma vez que, os

estudantes, muitas vezes entendem que essas manifestações culturais fazem apologia ao “satanismo e bruxaria”, propostas que contrariam suas crenças. Essa atitude, não raras vezes, reflete uma realidade de racismo e intolerância à diversidade.

O racismo e os seus efeitos podem ser percebidos em nosso cotidiano, na escola e fora dela. É muito comum, hoje em dia, ao falarmos em raça, sermos acusados de racistas, como se a simples menção ao conceito significasse uma aceitação do que ele historicamente significou. Camuflar essa realidade não resolve o problema.

O modelo educacional brasileiro, ao longo de sua história, supervalorizou as contribuições culturais europeias em detrimento de culturas socialmente consideradas menos importantes, como a indígena e a negra. Em decorrência disso, na maior parte das vezes em que se fazem referências às culturas africanas e afrodescendentes nos livros didáticos, além de ser reservado pouco espaço, são reproduzidas algumas representações distorcidas, como a ideia de que a África é um país dotado de homogeneidade étnico-racial e não um continente culturalmente diverso e complexo.

O Brasil é um país rico em diversidade cultural. Consequência de uma colonização construída por diversos povos que aqui chegaram trazendo juntamente com suas esperanças, seus patrimônios culturais. Por um lado, dos negros trazidos para o Brasil e feitos escravos, ficou uma cultura que se orgulha dos costumes e feitos que se transmitiram e transmitem de uma forma duradora por várias gerações. Por outro, ao longo da história, o negro vem sendo silenciado, sua trajetória carregada de sofrimentos e preconceitos se perpetua ao lado da cultura "branca". Essa trajetória é mencionada superficialmente, basta um olhar mais atento para o exame da história da formação da sociedade brasileira, que nos mostrará como a sub representação da contribuição negra ou a sua exclusão ajudou a construir negros e negras como “os outros”. Segundo Araújo (2007, p.5):

Penso, por fim, na ambiguidade desta nossa história de que são vítimas os negros, numa sociedade que os exclui dos benefícios da vida social, mas que, no entanto, consome os deuses do candomblé, a música, a dança, a comida, a festa, todas as festas de negros, esquecida de suas origens. E penso também como, em vez de registrar simplesmente o fracasso dos negros frente às tantas e inumeráveis injustiças sofridas, esta história termina por registrar a sua vitória e a sua vingança, em tudo o que eles foram capazes de fazer para incorporar-se à cultura brasileira. Uma cultura que guarda, através de sua história, um rastro profundo de negros africanos e brasileiros, mulatos e cafuzos, construtores silenciosos de nossa identidade.

Conclui-se que os estudos nas escolas brasileiras apresentam-se pouco generosos em relação à trajetória dos negros em nosso país. Não exatamente por omissão, mas pela ausência

da conscientização de que o negro foi importante para o Brasil, de que sua cultura deve ser preservada e conhecida, além de que a cultura afro-brasileira é a de todos os que vivem neste país.

### 1.1 Justificativa

Em 2012, participei da 2ª Jornada Literária do Projeto 3º ciclo – Sujeitos e Práticas da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Nesse ano, o tema da Jornada Literária foi “Sons, cores, imagens e sabores: Áfricas no Brasil”.

Inscrevi-me nesse projeto, muito animada, iniciei um trabalho de pesquisa sobre as histórias e religiões da África com meus estudantes. Em uns dos materiais enviados pela Secretária Municipal de Educação (SMED), para os professores trabalharem com os estudantes, estava um poema que fazia referência a “um certo Pai João”. Como eu não conhecia nada a respeito de quem foi “Pai João”, resolvi com meus estudantes, do 9º ano, pesquisarmos juntos quem foi esse personagem. Segundo estudos, um dos poemas mais contundentes sobre a vitimização imposta a “Pai João” foi escrito pelo modernista nordestino Jorge de Lima (1893-1953), no final da década de 1920: “[...] a pele de Pai João ficou na ponta dos chicotes/ a força de Pai João ficou no cabo da enxada e da foice/ a mulher de Pai João o branco roubou para fazer mucama/ o sangue de Pai João se sumiu no sangue bom [...]”

Também lemos um fragmento do poema “Sou Negro”, de Solano trindade (2006, p. 16-17, grifos nossos), que faz referência a Pai João:

**SOU NEGRO**  
(Solano Trindade)

Sou negro  
meus avós foram queimados  
pelo sol da África  
minh'alma recebeu o batismo dos tambores  
atabaques, gongôs e agogôs  
Contaram-me que meus avós  
vieram de Loanda  
como mercadoria de baixo preço  
plantaram cana pro senhor de engenho novo  
e fundaram o primeiro Maracatu

Depois meu avô brigou como um danado  
nas terras de Zumbi  
Era valente como quê  
Na capoeira ou na faca  
escreveu não leu  
o pau comeu  
**Não foi um pai João**

**humilde e manso**

Mesmo vovó  
 não foi de brincadeira  
 Na guerra dos Malês  
 ela se destacou

Na minh'alma ficou  
 o samba  
 o batuque  
 o bamboleio  
 e o desejo de libertação

Então, pesquisamos sobre Pai João, mas a minha surpresa maior foi quando uma de minhas alunas chamou-me no final da aula, chorando e pedindo desculpas por não ter feito a pesquisa, pois a sua mãe lhe havia proibido de pesquisar sobre um “macumbeiro”. Fiquei sem saber o que dizer àquela aluna. Continuei com minhas aulas sobre esse tema. No dia seguinte, fui chamada pela coordenação, para explicar sobre o conteúdo dado em sala de aula, uma vez que a mãe da aluna havia telefonado para a escola criticando meu trabalho. Antes de telefonar para a escola, a mãe havia me enviado um bilhete, proibindo a filha de participar da jornada literária e me perguntando se a aluna seria “punida” por não participar. Expliquei para a coordenação que havia incluído o projeto em minhas aulas e as produções de textos dos estudantes estariam sendo avaliadas. A mãe ficou inconformada. Sua filha era uma de minhas melhores alunas e era a que mais produzia textos; a garota disse que os faria sem a mãe saber, pois sua mãe, sendo orientada pelo pastor da igreja evangélica que freqüentavam, proibiu-a de pesquisar sobre a África.

Acredito que a atitude preconceituosa da mãe, por ser evangélica, deu-se quando ela "jogou" o nome "Pai João" no *Google* e nessa pesquisa eletrônica, provavelmente surgiram diversas referências aos “pais Joãos” de terreiros de candomblé do Brasil.

Desse projeto da jornada literária, surgiram várias discussões a respeito da cultura africana e suas contribuições para o povo brasileiro. Os estudantes produziram textos maravilhosos, porém alguns textos, mesmo com nossos debates, ainda estavam impregnados de preconceitos. Lançamos o livro chamado *Rastros Antigos: África no Brasil*, que abordou histórias de como os negros foram massacrados em seus corpos e cultura. Os textos foram criados a partir da versão dos estudantes, após lerem vários livros literários contendo os contos africanos, músicas, danças, filmes e pinturas de grandes artistas africanos (FOTO 1).

**Figura 1:** Oficina produção de texto do livro: *Rastros Antigos: África no Brasil/Geteco - 2012*



Fonte: acervo pessoal.

Essa experiência fez com que eu percebesse o silêncio em relação à presença do negro e à sua representação cultural em um lugar de valor no espaço escolar. Acredito que essa experiência e a intervenção proposta no Plano de ação acrescentaram algo novo em minhas práticas escolares, considerando que pais, estudantes e professores são sujeitos sócio-culturais que levam para a escola sua concepção de mundo marcada por valores morais, religiosos, tradições e preconceitos segundo suas identidades profissionais, sexuais e étnicas.

Gomes (1996, p. 87) levanta alguns questionamentos para o lugar da produção acadêmica onde todas essas dimensões repercutem um processo tenso e conflituoso:

- Por que existe tanta resistência, no campo da Educação, quanto à inclusão de temáticas como culturas, raça/etnia e relações de gênero nas abordagens educacionais?
- Por que ainda não se aceita que, a partir dessas temáticas, poderemos eleger novas categorias de análise para estudarmos a escola brasileira?
- e por que ainda se desconsidera a importância da dimensão cultural na vida dos diferentes sujeitos presentes na escola?

É a partir dessas indagações que a escola pode se interessar pelo projeto cuja bagagem cultural buscará através da música, da história, da literatura e da dança conscientizar os sujeitos envolvidos nesse processo sobre o preconceito em nossas práticas. Uma vez que ele está contido nos pequenos discursos do dia a dia, nas brincadeiras, nos ditados populares, nos espetáculos e em tudo que a mídia influencia.

Considera-se ser preciso arrancar essas raízes preconceituosas e promover uma educação justa e igualitária tão proclamada na Constituição brasileira, mas que de fato não se efetiva.

Outro impulso motivador deste trabalho foi a aplicação da Lei nº 10.639/03 e de suas

orientações, tendo em vista que muitos de nós que estamos no exercício da docência, não recebemos uma formação adequada para lidar com essa problemática racial no espaço escolar. Essa falta de preparo é um reflexo do chamado "mito da democracia racial", que compromete nossa prática escolar nesse processo de formação do aluno. Não esquecendo que somos frutos de uma educação com base eurocêntrica e que conscientes e/ou inconscientes reproduzimos os preconceitos que estão em nossa sociedade.

## **1.2 Caracterização do espaço escolar e dos sujeitos**

Essa intervenção foi desenvolvida na Escola Municipal Cora Coralina. A escola está situada no Bairro Copacabana, adjacente à Avenida Portugal e Lagoa da Pampulha. Inserida em uma comunidade que aparenta ser de classe média, com casas e ruas apresentando infraestrutura adequada, próximas a vias de circulação que são bem conhecidas da população da cidade. Mesmo com essas características, quando se observa bem a comunidade que é atendida pela escola, percebe-se aspectos relacionados à carência econômica, falta de saneamento básico, principalmente das moradias próximas aos córregos da região, além das questões de violência decorrentes do tráfico de drogas. Essa falsa percepção inicial produz na escola um equívoco no entendimento das relações com a comunidade escolar, agravado pelo posicionamento de uma parte do corpo docente que não aprofunda o conhecimento sobre seu público, comprometendo assim as ações pedagógicas mais pontuais.

No que se refere ao espaço físico, a edificação apresenta 28 anos de idade. Com uma rede elétrica e hidráulica que sofre com o desgaste do tempo. O formato das salas de aula segue o modelo padrão das escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte: salas retangulares, pintadas de bege, distribuídas em volta de um pátio central. Os demais espaços (secretaria, direção, biblioteca, coordenação, cozinha e refeitório) também são voltados para o mesmo pátio. Em relação à acessibilidade, a escola também sofre, assim como tantas outras, da inadequação ao trânsito de pessoas com deficiência. Faltam rampas de acesso ao segundo andar, ao laboratório de informática e às quadras. O laboratório de ciências transformou em depósito de livros antigos e por isso está inutilizado. A biblioteca e a sala de arte, por apresentar um tamanho pequeno para uma turma de 30 estudantes, não atende as necessidades reais desta disciplina. Outro elemento físico que começa a chamar a atenção devido ao seu excesso é a existência de grades dividindo os setores da escola: elas aparecem separando o pátio das salas de aula, dos laboratórios, da secretaria e da quadras, além das existentes em um corredor de salas de aula para o outro.

É preciso voltar a atenção para um espaço importante e fundamental para a realização de um projeto de cinema na escola: a sala de vídeo (multimeios). Este fica relativamente isolado, portanto, distante dos sons do recreio por exemplo. É acessível a cadeirantes e possui capacidade máxima para sessenta pessoas. Outras características são o telão retrátil, sistema de som e *datashow* instalado no teto. Mesmo com essas qualidades, é pouco arejada, com cadeiras mal conservadas, ventiladores precários e o aparelho de TV de plasma com defeito. Tais pontos negativos podem ser resultado da ausência de projetos de estímulo à conservação do espaço físico da escola.

Este trabalho foi desenvolvido durante o ano de 2014, na Escola Municipal Cora Coralina (EMCC), com aproximadamente 140 estudantes, e teve como espaço para a intervenção a sala de aula, a quadra, o pátio, sala de vídeo e biblioteca.

As turmas eram compostas de estudantes na faixa etária entre 14 e 17 anos, bastante heterogêneas no aspecto cognitivo e comportamental, pois se tratava de estudantes do 8º e 9º anos do ensino fundamental, com três turmas do 8º ano e duas do 9º ano. A maioria demonstrava desejo de construir o seu conhecimento com prontidão, apenas alguns estudantes deixavam a desejar com comportamento infantil para a idade. Visto que uma parcela dos estudantes demonstrava interesse na aquisição do conhecimento, no entanto, a outra parcela, apresentava-se apática e pouca envolvida nas atividades propostas. No entanto, a diversidade de experiências, aprendizagem, conceitos, vivência e comportamentos foram aproveitados para introduzir e trabalhar, os conteúdos da proposta de intervenção, respeitando as especificidades de cada aluno.

Algumas turmas possuíam dificuldades em manter silêncio e, por diversas vezes, fez-se necessária a ação dos professores no sentido de os manterem atentos. Apresentavam entre si, uma boa socialização, eram solidários e tolerantes, o que os fazia ficarem afastados de brigas e confusões. Ocorreram alguns casos de dificuldades específicas em leitura e escrita. Todos estavam entrosados e tinham disciplina regular.

Alguns estudantes frequentavam o Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) de Língua Portuguesa e Matemática no contra turno, já outros apresentavam dificuldades mais simples em determinados conteúdos trabalhados e precisavam ser auxiliados pelos professores e/ou colegas que assimilavam a matéria dada com facilidade, tornando o ambiente em sala de aula mais interativo e a aula proveitosa.

De acordo com a Proposta Político Pedagógica da PBH e da EMCC, nessa etapa do processo de aprendizagem em que cada turma se encontrava, foram desenvolvidos projetos visando à formação global e ao desenvolvimento de habilidades e capacidades para que o

educando compreendesse a sua realidade na comunidade, na cidade e na sociedade em que vive; tendo como meta a sua interação no contexto atual: social, político, cultural e econômico. Os projetos desenvolvidos estavam e estarão voltados para atividades socioculturais com os objetivos de resgatar e aumentar a autoestima; adotar atitudes de solidariedade, respeito mútuo e ao planeta; promover o desenvolvimento social e cultural; incentivar o espírito de equipe e participação; e resgatar valores, a ética e a cidadania. Além, disso, foram viabilizadas atividades de incentivo à leitura e ao raciocínio lógico para a resolução de situações/problemas do cotidiano, produção de textos críticos e coerentes em todas as disciplinas com a finalidade de promover a compreensão, assimilação e fixação dos conteúdos, respeitando cada aluno, o seu ritmo e limite no desenvolvimento pleno de sua cidadania.

### **1.3 Objetivos**

Este trabalho tem como objetivo abordar, por meio de atividades práticas e temáticas, a relação de aprendizagem de conceitos, valores e atitudes no sentido de compreender como que historicamente construímos identidades étnico-raciais, apresentando a diversidade cultural e o combate ao preconceito e racismo.

Ressalta-se que a temática deste projeto busca a possibilidade de conhecer e valorizar a cultura africana, bem como estimular a criatividade artística do aluno, ampliando seu conhecimento cultural a respeito da cultura afro-brasileira. Também levar, para dentro da escola, em uma visão multidisciplinar, a discussão das relações étnico-raciais e de gênero. Com vistas a garantir equidade, bem como maior qualidade na educação; possibilitar o acesso à imagem do negro, representada nos materiais didáticos e paradidáticos; garantir a visibilidade e ressignificação das mesmas no espaço escolar. E, por fim, pensar um trabalho literário que convoque os estudantes a essa discussão que se faz urgente.

É fundamental desenvolver atividades que qualifiquem o processo de humanização a partir das relações que se estabelecem no interior da escola. Com isso, espera-se que tais atividades contribuam para que sejam instauradas, a partir da escola, novas perspectivas nas relações humanas nos diferentes espaços sociais em que, todos nós, como sujeitos históricos convivemos. Essa intervenção buscou contribuir para que o estudante percebesse como o silêncio envolve a questão racial no espaço escolar, além de prepará-lo para possíveis contatos com atitudes e concepções preconceituosas, de modo que ele venha a se portar de maneira ética em relação à diversidade afro-brasileira.

## 2 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS

### 2.1 A construção da identidade racial

Conhecer a história do continente África leva-nos a conhecer de onde viemos, como vivemos, o que e quem somos hoje. Sabemos que a cultura africana sempre foi e continua muito presente em nossas vidas (através da literatura, música, culinária, crenças religiosas, etc.). Não podemos ver a África como um lugar onde existe apenas pobreza e miséria e mão de obra escravizada. Essas ideias distorcidas desvalorizam a cultura negra e, conseqüentemente, aumentam o preconceito em nosso país. É preciso conhecer a história dos povos africanos, de grandes reinos que foram excluídos dos livros de História do Brasil e resgatar sua contribuição na formação de todos nós, brasileiros. Negar a cultura africana seria negar a nossa própria identidade.

O uso do termo identidade é permeado de muita complexidade. Na sociedade, a identidade é construída coletivamente, isto é, não existe uma identidade fixa, ela é construída a partir do outro. Segundo Silvia Novaes (1993), a identidade deve ser usada no plano do discurso para a criação de um *nós* coletivo quando um grupo reivindica uma maior visibilidade social frente ao apagamento que foi submetido historicamente.

De acordo com Nilma Lino Gomes (2012, p.41):

A ênfase na identidade resulta, também, na ênfase da diferença. Ao mesmo tempo em que a busca da identidade por parte de um grupo social evoca a diferença deste em relação à sociedade ou ao governo ou a outro grupo e instituição, ela possui um processo de elaboração e diminuição das diferenças internas do próprio grupo e dos vários grupos que formam, naquele momento de reivindicação, um único sujeito político. E esse trabalho envolvendo semelhanças e diferenças propicia a articulação entre poder e cultura.

Dessa forma, a ênfase no termo identidade, neste trabalho, refere-se à busca de uma reflexão por parte de um grupo social que reivindica, enquanto sujeitos sociais, um reconhecimento da identidade negra tão silenciada. Nesse sentido, reconhecer essa identidade é chamar a atenção para a diversidade étnica e de lutar pela igualdade de direitos na sociedade. É preciso sentir na própria pele a necessidade de se identificar como seres humanos que somos, lutar pelos nossos direitos sem ter a necessidade de se afirmar o tempo todo “sou índio, sou negro, sou homossexual, sou mulher e por isso necessito ter tais direitos”. Para Joaquim (2001):

Saber-se negro é viver a experiência de ter sua identidade negada, mas é também e, sobretudo,, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em sua potencialidade. Essa identidade daí emergente é necessária, por ser historicamente formada em uma sociedade ambígua e multifacetada. Uma identidade, ao mesmo tempo, étnica e política, não somente individual, mas também coletiva. (JOAQUIM, 2001, p.56).

Historicamente, é sabido que o negro teve sua trajetória e inserção social afetada negativamente pela escravidão. A sociedade brasileira nega a existência do racismo e do preconceito, entretanto, essa negativa não é negada nas pesquisas ou mostram que, no dia a dia, essa pratica é muito recorrente. Essa suposta ‘negação’ só contribuiu ainda mais para aumentar as desigualdades e o racismo. GOMES (2012, p.52), preocupada com as questões raciais, define racismo:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira.

Na literatura brasileira e, principalmente, nos textos literários infantis, as representações do negro muitas vezes vêm acompanhadas de conteúdos racistas que excluem temas como a história da África e do negro no Brasil de uma maneira positiva na construção de uma identidade racial. Em muitos textos, a cor negra, por exemplo, está associada ao mal, ao passo que, a branca ao bem. O livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, por exemplo, em 2010, foi centro de uma polêmica, em que o Conselho Nacional de Educação (CNE) o classificou como ‘racista’, por considerar que o conteúdo da obra reforça o lugar de subalternização do negro. Nos termos desse parecer, à vista do disposto no Parecer CNE/CP nº 3/2004 e na Resolução CNE/CP nº 1/2004, a relatora afirma que :

É essencial considerar o papel da escola no processo de educação e (re)educação das (e para as) relações raciais, a fim de superar o racismo, a discriminação e o preconceito racial. Apesar do importante caráter literário da obra de Monteiro Lobato, o qual não se pode negar, é necessário considerar que somos sujeitos da nossa própria época, porém, ao mesmo tempo, somos responsáveis pelos desdobramentos e efeitos das opções e orientações políticas, pedagógicas e literárias assumidas no contexto em que vivemos. Nesse sentido, a literatura em sintonia com o mundo não está fora dos conflitos, das tensões e das hierarquias sociais e raciais nas quais o trato à diversidade se realiza. São situações que estão presentes nos textos literários, pois estes fazem parte da vida real. A ficção não se constrói em um espaço social vazio. (GOMES, Processo Nº 23001.000097/2010-26).

Também em *Reinações de Narizinho*, Lobato se aproxima da discussão do preconceito racial, por exemplo, quando escreve:

Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta. — Que não seja boba e venha — disse Narizinho — eu dou uma explicação ao responsável público... — respeitável público, tenho a honra de apresentar (...) a Princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então, o encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura. (LOBATO, 1931 *apud* GOUVÊA, 2005, p.89).

De acordo com Gouvêa (2005), nesse fragmento da obra de Monteiro Lobato, há uma desqualificação da personagem por ser negro e transmite uma visão racista, de "embranquecimento", e etnocêntrica.

Por que essa ideologia do embranquecimento permanece? Talvez isso esteja relacionado à nossa falta de conhecimento acerca da história do negro no Brasil, ou seja, esteja ligado ao desconhecimento a respeito do que fomos no passado e do que somos na contemporaneidade.

Hoje, ao ver filmes, novelas, anúncios publicitários em que os negros fazem papéis de assassinos, escravos ou empregados domésticos, uma vez que, raramente um negro é rico ou pertencente à classe alta, sinto-me em uma sociedade ultrapassada; porém a principal crítica não se remete aos papéis subalternos oferecidos aos negros, mas sim, ao papel secundário que o negro ocupa em toda a sociedade. Quero para estes e para todo cidadão afrodescentes papéis de brasileiros, heróis e heroínas negras, como personagens principais. A maioria dos brasileiros é de negros e pardos, nessa perspectiva, devem haver papéis para negros não apenas como empregados, mas como médicos, advogados, empresários, bancários, para os quais, o negro quase nunca é escalado ou, nos quais, jamais se vê como personagem principal.

Ao analisarmos os textos que falam da cultura negra, estetizamos demais a questão negra ou a politizamos? Nos livros, coloca-se uma imagem do negro mais próxima a sua identidade social real? Valorizamos sua estética como padrão de beleza ou embranquecemos essa imagem? Essas questões devem ser respondidas para que possamos conseguir criar meios mais democráticos de tratar a questão racial no Brasil.

Quando começo o trabalho na escola ou com os meninos de vilas e favelas, eu não coloco a princípio esse discurso contra o racismo. Início contando a história da África com todas suas belezas e contradições. Falo das histórias de rainhas e reis, porque é de história de rainhas e reis que é constituído a história do branco. Então, o jovem e a jovem negra ficam sabendo que descendem de uma rainha e de um rei, daí percebem que suas histórias também

podem ser tão bonitas como qualquer história do renomado escritor inglês William Shakespeare. No cotidiano escolar, então o que fica para eles e para todos nós é que aquele que é discriminado, o tempo inteiro e às vezes nem sabe, pode, a partir disso, desenvolver a autoestima, alfabetizar-se e se tornar produtor de seu próprio conhecimento.

## **2.2 A Lei nº 10.639/03**

Compreende-se que a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio do Brasil, tem como objetivo promover uma educação comprometida com as origens do povo brasileiro reconhecendo e valorizando sua diversidade.

No decorrer da história do Brasil, o racismo, a discriminação e o preconceito sempre estiveram presentes no dia a dia da população negra. A obrigatoriedade da referida lei começa a mostrar sinais concretos de transformações nesse triste quadro de silenciamento histórico que a cultura afro-brasileira sofreu ao longo dos anos. A lei determina que a história da África seja tratada de maneira positiva, voltando seus esforços para as desigualdades sociais, não privilegiando apenas as misérias que atinge o continente africano, mas valorizando a grande contribuição da identidade cultural e africana, como outras que contribuíram para a formação da identidade cultural brasileira.

A escola não é apenas o lugar de construção de conhecimentos, mas também das construções de valores, afetos e, sobretudo, da identidade. Por isso, ter como meta a efetiva realização dessa lei no âmbito escolar é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Sabemos que na escola e na educação, evidencia-se a dicotomia entre inclusão e exclusão que se reproduz nos padrões homogêneos do sistema escolar, quando não se leva em consideração a identidade fragmentada dos estudantes e de suas relações socioeconômicas. Logo, esse processo, sob formas distintas, continua excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogêneos escolar, promovendo uma segregação que pressupõe uma seleção, muitas vezes, levando esses indivíduos ao fracasso escolar.

Segundo Gomes (2008, p. 71), a Lei nº 10.639/03 faz parte das políticas de Ações afirmativas, pois tem como objetivo central a correção de desigualdades, a construção justa para grupos sociais e raciais com um comprovado histórico de exclusão, que prima pelo reconhecimento e valorização da história, da identidade e cultura desses segmentos:

Se entendemos que conhecer a nossa história e herança africana faz parte do processo de formação dos sujeitos sociais e se reconhecemos que uma parte significativa da nossa formação histórica e cultural referente à África e à cultura Afro-Brasileira não tem sido trabalhada a contento pela escola, só poderemos confirmar a importância da inclusão dessa discussão no currículo escolar, mesmo que seja por força da Lei.

Pensar a diversidade e pensar na formação e na discussão das relações étnico-raciais na educação básica vêm propiciar um conhecimento da cultura no qual estamos inseridos e da riqueza trazida pelos negros e que constituem nosso cotidiano.

### 3 AÇÕES METODOLÓGICAS

A proposta de intervenção envolveu três turmas do 8º ano e duas turmas do 9º, turno da tarde, na EMCC, como já foi afirmado. Desenvolveu-se através de sequências didáticas, com a finalidade de chamar a atenção dos estudantes para um olhar reflexivo através do estudo e atividades práticas que possibilitaram progressos e ajustes de dificuldades reais encontradas durante a sua aplicação.

As ações foram centradas nos pontos essenciais apreendidos ao longo da sequência como:

- Pesquisa e leitura específica de referências bibliográficas e adaptações à prática em sala de aula;
- Levantamento de recursos materiais e didáticos para execução do projeto;
- Apresentação do projeto às turmas, divisão de trabalho em grupos;
- Promoção de palestras histórico-social sobre a cultura “afro-brasileira”.
- Práticas de leituras diversificadas de obras a serem analisadas dentre as quais: o poema *Navio Negreiro*, de Castro Alves, o livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, poesias de Solano Trindade, sessão de vídeos documentários sobre temática afro-brasileira e roda de debates e indicação dos filmes: *Desmundo* e *Vista minha pele* (2003).
- Produção de um vídeo das turmas sobre os passos elaborados durante o projeto;
- Realização de *workshop* de grafite, rap, sons do berimbau, capoeira e apresentação dos trabalhos dos estudantes a respeito dos textos estudados sobre racismo e preconceito (vídeos e fotografias).

Esse trabalho contou com a colaboração da professora de artes Isabel Ivas, também cursista do LASEB, na área de Educação e Cinema. Sua contribuição foi junto aos estudantes do 9º ano, na criação de vídeos documentários curtos sobre como os jovens negros da escola lidam com as atitudes preconceituosas dos colegas, muitas vezes disfarçadas de brincadeiras, e grafites criados pelos estudantes e reproduzidos nos muros da escola sobre a temática estudada.

### 3.1 Cronograma das atividades

A seguir o quadro 1 apresenta o cronograma seguido entre os meses de agosto a dezembro de 2014, as atividades realizadas e os recursos necessários para sua execução.

<b>Mês: Agosto – Apresentação do plano de ação para as turmas</b>	
<b>Material didático e referência</b>	<b>Atividades</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Poema “Gravata colorida”, de Solano Trindade;</li> <li>Exibição do documentário <i>Desmundo</i>. O filme é ambientado em 1570, época em que os portugueses enviavam órfãs ao Brasil para que se casassem com os colonizadores. A tentativa era minimizar o nascimento dos filhos com as índias e que os portugueses tivessem casamentos brancos e cristãos (DESMUNDO..., 2014).</li> </ul>	Roda de discussão em sala de aula: O que é ser negro no Brasil?
	Pesquisa sobre vida e obra de Solano Trindade
	Análise do poema e comparação do tema desigualdade racial explícita no poema e respostas dos estudantes sobre o que é ser negro no Brasil;
	Trabalho em grupo a respeito dos variados temas abordados no filme, como o papel da mulher na época do Brasil colônia, a violência sexual sofrida pelas mulheres, o tráfico de negros e a escravidão dos índios
<b>Mês: Setembro – Realização de fotografias tiradas pelos próprios estudantes de flagrantes sobre o que eles consideram preconceito ou racismo dentro ou fora do espaço escolar</b>	
<b>Material didático e referência</b>	<b>Atividades</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Exibição do filme média metragem <i>Vista minha pele</i> (2003). Trata-se de uma paródia da realidade brasileira, para servir de material básico para discussão sobre racismo e preconceito em sala de aula. Nessa história invertida, em que os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países pobres são, por exemplo, Alemanha e Inglaterra, e os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique. (VISTA..., 2003)</li> <li>Poema “Me gritaram negra”, de Victória Santa Cruz.</li> </ul>	Realização de uma sinopse do documentário e roda de debates sobre a temática.
	Produção de texto e cartazes sobre o poema “Me gritaram negra”, de Victoria Santa Cruz, escritora peruana.
	Proposta de realizar um filme documentário dos próprios estudantes sobre o tema: o que é ser negro no Brasil.

Continuação...

<b>Mês: outubro – Preparação para a Intervenção teatral e apresentação do vídeo</b>	
<b>Material didático e referência</b>	<b>Atividades</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves;</li> <li>Música “O navio negreiro”, de Caetano Veloso.</li> </ul>	<p>Análise e discussão do poema de Castro Alves, sobre como foi a chegada dos negros no Brasil, suas contribuições, importância na cultura, educação, ciência e inovação intelectual.</p> <p>Ensaio da peça para apresentação no dia 20 de novembro - (Consciência Negra)</p>
<b>Mês: Novembro – workshop – tema: “África em mim”</b>	
<b>Material didático e referência</b>	<b>Atividades</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves.</li> </ul>	<p>Palestras, contação de histórias e oficinas de rap, grafite e capoeira.</p> <p>Encenação do poema no dia da Consciência Negra.</p>
<b>Mês: Dezembro – culminação do plano de ação</b>	
<b>Material didático e referência</b>	<b>Atividades</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>História da capoeira;</li> <li>História do rap e do grafite.</li> </ul>	<p>Oficinas de rap, capoeira e grafite.</p> <p>Realização de um grafite gigante em uma parede na escola com a imagem de uma mulher negra, cujos cabelos estão representados os dizeres: negro, esperança, sabedoria, raça, autoestima, vida, força, respeito, amor, solidariedade, igualdade,</p>

Fonte: autoria própria.

### 3.2 Cronograma do workshop e fotos

Para finalizar as ações pedagógicas, foi organizado um *workshop*, no período de 18 a 20 de novembro de 2014, de grafite, rap, sons do berimbau, capoeira e apresentação dos trabalhos dos estudantes a respeito dos textos estudados com temas racismo e preconceito (vídeos e fotografias).

O *workshop* se realizou em aulas expositivas e práticas, envolveu todo o turno da tarde

do 3º ciclo e todos os professores, que também participaram das oficinas e ajudaram na organização do ambiente escolar.

Iniciamos nossa proposta com uma conversa com três artistas convidados da comunidade, um grafiteiro, Everton Barbosa (Grafiteiro profissional), um cantor de rap, Saulo SI (cantor de rap gospel e integrante da banda “Federais de Cristo”) e um professor de capoeira e contador de história, Marcelo Maia (Pós-Graduado em Inteligência e Contra Inteligência – Pitágoras, Gestor de Segurança – formado pela Uni-BH, Assessor Técnico do Estado MG: SEDS, analista de inteligência – GISP, ex-militar Exército Brasileiro por oito anos: 12º Batalhão de Infantaria – Capoeirista desde 1985 e pesquisador há vinte anos sobre a história do Negro), que desenvolve importante trabalho voluntário, juntamente comigo nas comunidades carentes de BH e Contagem, o Projeto Flecha (projeto voluntário idealizado por Marcelo Maia que tem como objetivo trabalhar a cultura através da capoeira como forma de chegar aos morros da grande BH e presídios de menores infratores levando a cultura da paz e respeito a jovens carentes da comunidade).

Nesses dias, os estudantes apresentaram seus trabalhos realizados ao longo dos momentos desse projeto, nas duas quadras da escola, como as apresentações de vídeos, de fotografias, textos e encenação teatral, além de participarem efetivamente das palestras sobre capoeira, rap e grafite. Todos os trabalhos apresentados no *workshop* pelos estudantes dialogaram suas ideias com os temas das palestras. A seguir, como se deu a organização do projeto e as fotografias que registraram o evento.

18/11/2014

Marcelo Maia (palestrante)

- História contada e cantada do negro no Brasil ao som do berimbau;
- Desmistificando a capoeira;
- Discussão e debate.

**Foto 2:** Roda de estudantes - História contada e cantada do negro no Brasil ao som do berimbau



Fonte: autoria própria.

Saulo SI (cantor de rap)

- Relato de um sobrevivente do sistema;
- Origem do rap;
- Aula prática/rima.

**Foto 3:** Aula prática/rima



Fonte: autoria própria.

Everton Barbosa "O BINA" (grafiteiro)

- Contexto cultural e histórico do grafite;
- Desenho das letras do grafite.

**Foto 4:** Desenho das letras do grafite



Fonte: autoria própria.

9/11/2014  
Marcelo Maia

- Aula prática de “capoterapia” a partir da Banguela

**Foto 5:** Aulão de “capoterapia”



Fonte: autoria própria.

Saulo SI

- O rap e as drogas;
- Estudo de caso das gírias do rap;
- Musicalidade na intervenção urbana.
- 

**Figura 6:** Conscientização: o rap e as drogas



Fonte: autoria própria.

## Everton “ O BINA”

- Grafite X pichação;
- Aula prática.

**Figura 7:** Aula prática de grafite



Fonte: autoria própria.

**Figura 8** – aula prática de grafite

20/11/2014  
Marcelo Maia

- Estudo de caso da Historia de Zumbi dos Palmares;
- Discussão e debates.

**Figura 9:** Roda de discussão sobre Zumbi dos Palmares



Fonte: autoria própria.

Saulo SI

- Concurso de rima;
- Show de rap.

**Figura 10:** Show de rap (com Saulo SI)



Fonte: autoria própria.

Everton, O "BINA"

- Pannel de grafite feito pelos estudantes.

**Figura 11:** Finalização do pannel de grafite



Fonte: autoria própria.

#### 4 AVALIAÇÃO

O projeto “A identidade negra entre imagens e textos: quebrando paradigmas e preconceitos” foi uma iniciativa para pensar as relações étnico-raciais no espaço escolar de forma efetiva e presencial no dia a dia, através do conhecimento dos professores para desenvolverem um olhar crítico sobre a materialidade dos livros e outros materiais didáticos existentes na escola, que ainda trazem conteúdos preconceituosos. Essa reflexão sobre a questão identitária apareceu de forma destacada ao longo do projeto. Alguns estudantes foram se identificando com as diversas situações apresentadas nos documentários e textos. Eles demonstraram um interesse crescente na medida em que foram redescobrimo uma África próxima de cada um. Toda essa reflexão gerou uma nova postura dos estudantes em relação ao preconceito e racismo, da discriminação e injustiças sociais.

Outro ponto a ser avaliado, foi a falta de interesse ou despreparo de alguns profissionais em lidar com a temática étnico-racial. A maioria dos profissionais conhece ou dizem conhecer a Lei nº 10.639/03, porém ainda não levam em consideração a implementação dessa lei no contexto escolar, para torná-la parte do currículo escolar.

No encerramento das atividades, foram propostas ações reflexivas, sugestões e críticas no sentido de contribuir para a efetivação das intervenções posteriormente na escola. Os professores acharam que todas as atividades do *workshop* foram positivas e válidas, serviu como exemplo de reflexão em suas práticas escolares e que esse projeto fique como proposta pedagógica para os próximos anos na Escola Municipal Cora Coralina.

Vale ressaltar que esse trabalho, resultado de muita dedicação, espera possibilitar diferentes leituras, sem julgamento de valor, abrindo caminhos para novas investigações oferecidos pela temática das questões raciais.

Ao final das ações pedagógicas, foi sugerido que as reflexões, propostas, críticas e sugestões fossem registradas no sentido de contribuir para o bom desenvolvimento do trabalho. O corpo docente reconhecer que o trabalho ainda precisa de muita discussão para ser efetivado em todas as escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, no entanto os professores obtiveram boa impressão do plano apresentado e compreenderam que a ação é apenas uma das formas de se desenvolver o trabalho com adolescentes na Educação Básica.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que o trabalho interdisciplinar seja um meio de fortalecer as boas práticas sobre o conhecimento da História e Cultura afro-brasileira entre os estudantes.

No universo da pesquisa, a proposta foi bem aceita e me ajudou a experimentar possibilidades que os livros didáticos de Língua Portuguesa utilizados no Ensino fundamental não abordam muito claramente.

Inicialmente houve um questionamento sobre o porquê do projeto, mas a justificativa da obrigatoriedade da Lei nº 10.639/03 tornou-se mais um motivo para que os estudantes estudassem temas sobre a África, tão presentes no cotidiano do brasileiro atualmente.

A literatura clássica brasileira como o poema “O navio negreiro”, de Castro Alves, possibilitou uma releitura às temáticas afro-brasileira presentes em nossa sociedade e já debatidas na arte literária. O trabalho com os filmes permitiu aos estudantes comparar as informações, contidas nos textos e as imagens representadas nos documentários como *Desmundo* e *Vista minha pele*. As informações sobre os vídeos documentários motivaram os estudantes na percepção da grande contribuição que o negro tem para o Brasil e que essa cultura está presente no nosso dia a dia, quando escolhemos fazer parte da história como um todo e não dividir a literatura, por exemplo, em literatura ‘branca’ e literatura ‘negra’.

A experiência foi importante e necessária para a ampliação do conhecimento dos estudantes, primeiramente, porque os aproximará dos conhecimentos afro-brasileiros e posteriormente, estreitará os laços entre os professores/estudantes, pois esses conhecimentos não serão reduzidos a meros treinamentos mecânicos das habilidades ler/escrever possibilitando compartilhar uma prática de trabalho interdisciplinar de resgate à importância da cultura africana na construção da cultura brasileira.

Neste trabalho, ficou evidente, nas práticas realizadas, que, no campo escolar, os saberes não devem estar centralizados apenas nos conhecimentos didáticos e intelectuais do professor. Deve-se dar a chance ao educando de compartilhar seus saberes, pois a educação deve ser compreendida como tarefa de todos. Assim, funcionários, familiares, professores de todas as áreas devem e podem contribuir com seus saberes, valorizar esses sujeitos e permitir-lhes uma participação realmente efetiva nas práticas escolares.

As atividades realizadas na escola onde leciono foram pautadas na Lei nº 10.639/03 e em seus desdobramentos direcionados às questões étnico-raciais. O diálogo com os estudantes, pais, professores e funcionários proporcionaram momentos de grandes realizações diante da concretização em meu trabalho pedagógico.

Essa proposta pedagógica foi apresentada à direção da escola. Em 2015, ela se realizará novamente, com possíveis aperfeiçoamentos e adequações necessárias, ampliando-a para novas teorizações e saberes no contexto em que se insere e representando meus colegas, também docentes especializados na educação básica que tanto se orgulham em socializar suas produções em cada área que lhes é específica.

## REFERÊNCIAS

A COR da cultura. Disponível em: <[www.acordacultura.org](http://www.acordacultura.org)>. Acesso em 21 set. 2014.

ALVES, Castro. Navio negreiro. *Os melhores poemas de Castro Alves*. Seleção e apresentação Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983.

ARAÚJO, Emanuel. *Viva Cultura, Viva o Povo Brasileiro*. Museu Nacional: São Paulo, 2007.

BRASIL, Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CP nº 3/2004, sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana Disponível em: <[portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc)>. Acesso em: 13 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação/Secad. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica*. 2004.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998

\_\_\_\_\_. SEF. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997

DESMUNDO. Direção: Alain Fresnot, Rio de Janeiro: Columbia Pictures do Brasil. 2003 (101min). son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=oxQe\\_BeRba0&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=oxQe_BeRba0&feature=youtu.be) (filme)>. Acesso em: 10 out. 2014.

GOMES, Nilma Lino et al. *Identidades e Corporeidades Negras: Reflexões sobre uma experiência de formação de professores/as para a diversidade étnico-racial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. et al. *Identidades e Corporeidades Negras: Reflexões sobre uma experiência de formação de professores/as para a diversidade étnico-racial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, A.F.; CANDAU, V. M. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes. 2008. p. 67-89.

\_\_\_\_\_. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.97-109.

\_\_\_\_\_. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Revista da Faculdade de Educação (USP)*. Desigualdades raciais na escola. São Paulo, SP, v.29, n.1, p. 167-182, jan/jun. 2003.

\_\_\_\_\_. Escola e diversidade étnica-cultural: um diálogo possível. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos Olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 85-91.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagem do Negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 79-91, jan/abr. 2005.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula; visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005;

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. São Paulo: Ática & Francisco Alves (Original), 1960.

JOAQUIM, Maria Salete. *O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra*. RS: Pallas; SP: Educ, 2001.

ME GRITARAM negra. Vitória Santa Cruz. Geledês. Disponível em: <<http://arquivo.geledes.org.br/atlantico-negro/afrolatinos-caribenhos/peru/21235-me-gritaron-negra-a-poeta-victoria-santa-cruz>>. Acesso em: 24 set. 2014.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma L. *O negro no Brasil de hoje*. SP: Global, 2006.

POESIA Periférica. "Gritaram - me Negra" musicado por Victoria Santa Cruz. 2013. Disponível em: <<http://www.noticiario-periferico.com/2013/10/poesia-periferica-poema-gritaram-me.html>>. Acesso em: 20 set. 2014.

SOLANO Trindade. Disponível em: <[http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/pernambuco/solano\\_trindade.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/solano_trindade.html)>. Acesso em: 21 set. 2014.

VELOSO, Caetano. O navio negreiro. son., color. Disponível em: <<https://youtu.be/9v1hZE8fbDM>>. Acesso em: 10 out. 2014.

VISTA minha pele. Direção: Joel Zito Araújo. Rio de Janeiro: CEERT, 2003 (24min), Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>>. Acesso em 20 set. 2014.